

# Valorizar a carne, o leite e economia terceirense

Desde 1975 que a Associação Agrícola da Ilha Terceira (AAIT) tem procurado defender os interesses dos produtores da Região, combatendo os principais desafios do setor.



Corria o ano de 2013 quando José António Azevedo se tornou presidente da AAIT, tendo tomado posse no dia 3 de janeiro desse ano. O projeto idealizado pelo nosso interlocutor e pelos respetivos colegas de candidatura – todos eles produtores de carne e leite – assentava na mais-valia de serem os trabalhadores ativos do setor, “que sabiam o que era necessário no dia-a-dia e as dificuldades que existiam”, a assumir os destinos de um organismo comprometido com a prestação de apoio e serviços a quem tanto “alavancou a economia da região”. Nesse sentido, estes seis anos de trabalho coincidiram com a “implementação de uma série de serviços”, tendo em vista o fornecimento de “uma resposta mais precisa e cabal aos associados”.

Destaca-se, a título exemplificativo, uma maior dinamização da extração e comercialização de mel, o crescimento do serviço de contraste leiteiro, um maior apoio na elaboração de projetos de investimento ou a abertura de um restaurante dedicado ao melhor da gastronomia terceirense. Inaugurado em junho, o projeto em questão traduziu-se não apenas num considerável aumento de postos de trabalho, como também num valioso argumento turístico, ou não fosse a sua ementa uma verdadeira amostra das experiências que apenas as carnes, os queijos e os vinhos locais, bem como a doçaria típica (como sejam a Queijada Dona Amélia ou os Gelados Quinta dos Açores) consegue proporcionar.

A excelência dos produtos agrícolas e pecuários do Arquipélago há muito que é reconhecida. Efetivamente, é o regime extensivo “amigo do ambiente”, “sustentável” e fortemente baseado na “pastagem” que assegura “a imagem de marca”, “o paladar e o cheiro” das carnes e do leite da Região. Apostar nesse trunfo continua, posto isto, a ser uma prioridade, pois “o consumidor tem uma preocupação cada vez maior com a qualidade ou a certificação daquilo que come”. Contando presentemente com “cerca de 950 associados” – entre os quais se enumeram “produtores de carne, leite, apicultura, horticultura e fruticultura” – a AAIT não esconde, por outro lado, a necessidade de combater alguns condicionalismos que se têm feito sentir na Ilha.

Uma das maiores batalhas apontadas por José António Azevedo prende-se com a necessidade de contornar o forte monopólio nacional que existe em torno da indústria de transformação do leite e os condicionalismos a ela associados, nomeadamente a exigência de “limites de produção”. É, como tal, no sentido de dinamizar a sustentabilidade dos produtores regionais que a Associação não esconde o desejo de – entre outras iniciativas – procurar novas linhas de comercialização com mercados como os Estados Unidos ou a América do Sul. Mas também importante será continuar a lutar por uma melhor valorização, em Portugal, de produtos como o leite, reforçando a “autossuficiência” de quem encontra no trabalho agrícola a sua base de sustento.

